

A VERDADEIRA RELIGIÃO¹**True Religion – Micah 6.8**(Extraído do livro *If God be for us*)**Autor:** C. E. B. Cranfield²**Tradutor:** Francisco Dário de Andrade Bandeira*

* Formado em Teologia, graduado, mestre e doutorando em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

Contato:
darioband@gmail.com

Recebido em: 28/08/2020

Aprovado em: 25/09/2020

Ele te mostrou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR exige de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus? (Miquéias 6:8)³.

A passagem que nós temos ouvido é uma das grandes definições bíblicas da verdadeira religião. Jesus talvez a tivesse em mente quando Ele resumiu “a questão mais importante da lei” nas palavras “juízo, misericórdia e fé”, que equivalem a uma paráfrase da passagem de Miquéias. Ela nos fala através dos séculos com tanta franqueza que eu não preciso tomar tempo para entrar nas circunstâncias históricas de sua composição.

A passagem coloca diante de nós três requisitos, três elementos essenciais da verdadeira religião. E a maneira pela qual eles são introduzidos indicam que o profeta não os considerava como uma imposição pesada, mas como uma revelação da vontade divina que é essencialmente graciosa e misericordiosa.

I

A ordem em que elas são mencionadas é significativa. O profeta coloca “fazer o que é justo” primeiro, porque, ao contrário de muitos de seus contemporâneos que imaginavam que Deus estava satisfeito com presentes e sacrifícios, ele sabia que apenas a conduta [justa] em relação aos semelhantes é a “evidência real da verdadeira religião”, e que a prática da religião sem justiça é abominação para Deus. Ninguém tem o direito de chamar-se verdadeiro cristão a menos que ele esteja se esforçando seriamente para “fazer o que é justo” em suas relações com seus semelhantes.

Mas, ao indicar que a busca séria da justiça é uma marca indispensável do cristão, não pretendo sugerir que aqueles que se mantêm na tradição bíblica tenham o monopólio de tal preocupação. Aqueles de nós que foram criados nos clássicos gregos e latinos sabem muito bem que houve homens de nobre integridade no antigo mundo pagão. E há, é claro, muitos não-cristãos hoje que estão profunda e sinceramente preocupados em dar a cada um o que lhe é devido, para fazer o que é justo e equitativo. Mas na Bíblia, à luz dos profetas, da lei, do ensino e exemplo de Jesus bem como sua obra salvadora, há um entendimento da justiça mais profundo e mais amplo do que o encontrado em outros lugares, havendo sobre ela uma generosidade, cordialidade e humanidade que em outros lugares a ideia de justiça muitas vezes carece.

Se a palavra "justo" lhe parece uma palavra bastante fria, sugerindo uma determinação precisamente calculada a ser feita aos companheiros, mas apenas tanto quanto eles têm o direito absoluto de receber, significa que sua ideia de justiça deriva não da Bíblia, mas de outros lugares. Na Bíblia, as questões são afiadas e esclarecidas. E é onde as consciências dos homens tem sido instruídas e sensibilizadas por meio de um engajamento sincero e constante com a Bíblia, na qual um significado pleno da justiça nas relações humanas é visto com mais clareza (embora os cristãos e associações cristãs - para sua vergonha! - frequentemente fiquem muito aquém, não apenas da justiça para a qual as Escrituras Sagradas apontam, mas também dos padrões comuns de decência aceitos entre os pagãos).

Observe que o profeta não diz “admire a justiça” ou se envolva em discussões acadêmicas sobre ela”, mas sim, “aja justamente”. A Bíblia está interessada em ações.

“Pelos seus frutos os conhecereis”, disse Jesus, isto é, por obras, não por suas profissões [de fé]; pois “Nem todo aquele que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas aquele faz a vontade de meu pai”. E isso precisa ser enfatizado tanto contra a meia-verdade perigosa que se ouve às vezes, que não é o que se faz, mas o que se é (como se elas pudessem ser separadas), e também contra a noção de alguns cristãos de que podem opor a fé contra as ações, o que é uma distorção particularmente desastrosa da verdade evangélica (São Paulo certamente opôs a fé a uma confiança autojustificada em suas obras, pela ilusão de que alguém pode colocar Deus em dívida por elas; mas isso é algo totalmente diferente de menosprezar a importância das ações).

E o alcance desse requisito para “fazer o que é justo” é tão amplo quanto o alcance das relações humanas. O que é necessário é que devemos nos esforçar em todos os relacionamentos humanos para tratar nosso próximo como, igualmente a nós mesmos, um homem, um ser humano, respeitar e defender sua dignidade humana; de fato, amar o próximo como a nós mesmos - é assim que a Sagrada Escritura define justiça. Inclui, por exemplo, tratar as outras pessoas da família não como amenidades ou meras extensões do próprio ego, mas como pessoas independentes. Inclui jogo limpo em relação ao empregador ou aos empregados, tratamento justo de colegas e rivais. Inclui o cumprimento consciente das responsabilidades de um cidadão e, especialmente, o voto de alguém, tendo em vista não apenas o interesse próprio ou a parte de uma seção da comunidade, mas também o bem de todos os concidadãos e os direitos dos companheiros em outras nações. Inclui uma resistência resoluta e inflexível às injustiças que clamam no mundo, e ao uso responsável e altruísta do próprio dinheiro e recursos. Isso inclui, no trabalho acadêmico, coisas como justiça estrita às opiniões dos outros e argumentar não por uma questão que define uma vitória pessoal no debate, mas por uma questão de descoberta e manutenção da verdade.

E deve-se dizer que na Grã-Bretanha hoje, como em todas as outras sociedades e em todas as épocas passadas, "fazer o que é justo" exige consistentemente coragem, coragem para se levantar e ser identificado, prontidão para suportar, se necessário, insultos e declarações falsas e ódio, e colocar em risco a carreira, as perspectivas, a felicidade.

II

O segundo requisito é "amar a misericórdia". É claro que existe uma sobreposição considerável entre este e o requisito anterior. Até certo ponto, o que temos aqui é o mesmo conteúdo visto de um ângulo diferente. A palavra hebraica "misericórdia" é uma palavra particularmente interessante. Significa "bondade", "misericórdia"; mas no Antigo Testamento é usada especialmente quando as partes envolvidas são consideradas unidas por um vínculo definitivo. A palavra carrega o tom da lealdade. Assim, quando é usada com referência à misericórdia de Deus, denota sua misericórdia para com Israel depois, e não antes de estabelecer sua aliança com eles. Trata-se da sua lealdade constante à sua aliança, apesar da constante infidelidade de Israel. Também é usado para denotar o amor leal a Deus, que deve ser a resposta de Israel ao amor de Deus. E, quando é usada com referência à demonstração de misericórdia de homem para homem, denota especialmente a bondade e ajuda leal que um israelita devia a outro como a um companheiro do povo da aliança de Deus. Isso é, sem dúvida, o significado principal deste versículo de Miquéias - embora o destinatário "ó homem" sugira que o próprio escritor estava ciente da relevância dessas palavras para além dos limites de sua própria nação. Mas, enquanto procuramos ouvir nesta passagem a palavra de Deus para nós mesmos, temos que vê-la à luz do testemunho do Novo Testamento, e nessa luz sabemos que Deus em Jesus Cristo se comprometeu não apenas a Israel ou a igreja, mas a toda a raça humana, a todo e qualquer homem, e que, portanto, não há ser humano que não esteja vinculado a nós dentro da aliança da graça de Deus. O que é exigido de nós aqui, então, é a lealdade constante a nossos semelhantes como aqueles a quem Deus ama, e por quem Cristo morreu, foi ressuscitado e exaltado.

Hoje, não há alcance - em toda a consciência - de tal lealdade aos nossos semelhantes. Muitos de vocês, sem dúvida, estão tão conscientes quanto eu da angústia humana que, por todos os lados, clama por compaixão e presteza humanas, por aquela lealdade que não causa abandono ao próximo no tempo de sua necessidade, mas fica ao lado dele para ajudá-lo e apoiá-lo. Já há angústia suficiente neste país - pode-se pensar nas famílias sem lares, os deficientes de guerra, desempregados, imigrantes que tem sido levados a se sentirem inseguros e indesejáveis, pacientes em hospitais psiquiátricos, prisioneiros libertados que lutam para se restabelecerem na sociedade, os vagabundos, os que dormem nas ruas, os alcoólatras, para mencionar apenas alguns - sem contar os

milhões de famintos, vítimas de desesperada e contínua pobreza, os que sofrem guerras brutais e todas as vítimas de opressão e regimes desumanos. Ao mesmo tempo, vemos entrincheiradas e em guerra as forças do egoísmo e da falta de coração: os opressores, os torturadores, os exploradores, os ostensivamente respeitáveis que, em prol do comércio, dos investimentos ou das vantagens políticas, apoiam a opressão, os irresponsáveis que se entregam à luxúria insensível diante de tanta necessidade desesperada.

Que essa lealdade aos semelhantes é escassa está muito claro. Mas nossos textos nos lembram que essa lealdade é indispensável à verdadeira religião. Ser cristão envolve recusar-se a abandonar os companheiros em sua miséria, e doar generosamente o esforço, o tempo e os recursos para seu alívio, recusando-se a considerar qualquer vida humana como barata ou descartável.

O texto fala de uma “misericórdia amorosa”. Isso inclui, é claro, fazer ações de misericórdia, como vimos; mas também significa algo mais. Devemos fazer todas as exigências constantes da lealdade, e devemos fazê-lo não apenas porque sabemos que devemos, mas porque queremos fazê-lo. "Amar a misericórdia" indica uma liberdade interior, um compromisso de toda a pessoa, um compromisso total de coração, mente e vontade. Mas este algo mais, esta lealdade e compaixão amorosa, é o que dificilmente podemos ver muito frequentemente exceto quando o terceiro e último requisito de nosso texto está sendo cumprido.

III

O terceiro requisito é "andar humildemente com teu Deus". O profeta deixou por fim o que ele certamente considerou básico para os dois outros requisitos, que é o caminhar humildemente com Deus – Jesus, no ditado que nos referimos anteriormente, chamou isso de fé - a partir de onde fazer a misericórdia justa e amorosa flui naturalmente. A maioria de nós provavelmente está disposta a aceitar a misericórdia justa e amorosa, finalmente, como ideais; mas posso imaginar que alguns de vocês possam sentir que a fé em Deus é outra questão. Esta é de fato a questão crucial - você está disposto a andar humildemente com Deus?

Caminhar humildemente com algum deus é algo que você certamente fará. Não somos livres para escolher se teremos um deus ou não. “Não há homem que não tenha seu próprio deus ou deuses como objeto de seu maior desejo e confiança, ou como base

de sua mais profunda lealdade e comprometimento”⁴. A escolha que está aberta para nós é a escolha entre o Deus verdadeiro, o Deus vivo a quem as Escrituras Sagradas testificam, por um lado e, por outro lado, uma variedade de falsos deuses.

Posso admitir livremente que alguns dos deuses falsos são menos nobres do que outros. Por exemplo, um homem pode fazer do serviço ao próximo seu deus, o objeto de seu desejo mais elevado, a base de seu mais profundo compromisso - ou a música, ou a arte, ou o avanço do conhecimento em algum campo em particular. A adoração a esse deus pode realmente levar a uma vida que não falta nobreza e esplendor. E, no entanto, mesmo esses deuses são falsos deuses que não podem salvar; pois eles não são o Deus vivo. Mas o deus falso mais comumente adorado é o deus falso cujo nome é Ego. E ele é o mais feio e pavoroso de todos, cujo serviço, apesar de parecer desprovido de liberdade, independência e senhorio, na realidade nada mais é que escravidão vergonhosa. Andar humildemente com o falso deus Ego é tornar-se cada vez mais promíscuo em espírito. Nesse serviço, você pode se tornar rico, influente e importante; mas por mais rico, influente e importante que você se torne, você, como homem ou mulher, ficará cada vez menor.

Quando o profeta usou a frase "teu Deus", ele certamente não quis dizer nenhum deus que seus companheiros israelitas pudessem escolher para si. Ele quis dizer o único Deus que tinha um direito absoluto à sua confiança e lealdade, o direito de ser seu Deus. Por "teu Deus", ele pretendia, além disso, sugerir a bondade e a graciosidade com que Deus se inclinara para os homens em misericórdia e amizade, desejando não apenas ser o Deus de Israel como um todo, mas também ter companheirismo com cada israelita individual e ser o seu Deus.

À luz do testemunho do Novo Testamento de Jesus Cristo, à luz do Getsêmani e do Gólgota, podemos ver muito mais claramente o que as palavras "teu Deus" envolvem: quão sério e com que paciência Deus deseja ser o Deus do homem e a que custo ele se deu a cada um de nós para ser nosso Deus. O terceiro requisito, então, não é uma simples exigência que nos é imposta; pois contém o Evangelho, as boas novas da graça divina, que é o pressuposto de todos os mandamentos de Deus. E, à luz disso, os dois primeiros requisitos de nosso texto também não são mais vistos como um fardo para sobrecarregar-

nos, mas devem ser reconhecidos como a convocação para a liberdade que Deus nos oferece em Seu Filho.

Hoje, muitos de vocês marcam uma etapa importante em suas vidas. Seus cursos universitários concluídos, você está prestes a iniciar sua carreira. Para outros aqui, o amanhã trará o mesmo tipo de tarefas que ontem. Mas, para todos nós, aplica-se esta palavra - esta palavra na qual Deus reivindica cada um de nós por si mesmo e pelos semelhantes, e nos oferece vida e alegria: “Ele te mostrou, ó homem, o que é bom; e que é o que o SENHOR exige de ti, senão que pratiques a justiça, e ames a misericórdia, e andes humildemente com o teu Deus?” Que Deus possa conceder a cada um de nós ouvir e obedecê-lo!

Notas:

1 - Pregado na Durham University, *Degree Day Service* na Catedral de Durham, em 26 de junho de 1968.

2 - Charles Ernest Burland Cranfield estará para sempre associado ao departamento de Teologia da Universidade de Durham, no Reino Unido, onde lecionou por trinta anos (1950-1980). Cranfield é conhecido no Brasil por seu famoso Comentário de Romanos em dois volumes, que integram a série mundialmente conhecida como International Critical Commentary (ICC, com 52 volumes), série da qual também foi editor. A obra sobre a carta aos romanos veio a ser concluída em plena emergência da Nova Perspectiva sobre Paulo, especialmente sob a influência de E. P. Sanders (1977). Os trabalhos da década de 1990 mostram que Cranfield participou dos debates sobre a NPP, adotando uma postura conservadora. Autor longo (1915-2015), experiente, meticuloso e prolífico, Cranfield absorveu intensamente – não acriticamente – a teologia de Karl Barth. Ordenado na igreja Metodista (1941), veio a mover-se para a igreja Presbiteriana da Inglaterra, a qual veio a ser a igreja Reformada Unida (1954). N. T. Wright atribui tal mudança a uma profunda guinada de convicção teológica. Cranfield, diz-nos Wright, era conhecido por “Sua profunda preocupação em sondar o próprio cerne do texto e sua atenção cuidadosa a todos os detalhes relevantes”. Mas, como destaca Wright, nunca houve qualquer dúvida de que alguém estava na presença de um homem que se preocupava profundamente com o conteúdo real e o significado pessoal do texto. Eram homens (Cranfield e C.K.Barrett) que mostraram à próxima geração como seria manter unidos uma grande pasta de estudos e uma profunda fé e compromisso pessoal (Wright 2015). A série de sermões *If God be For Us*, foi publicada originalmente em 1985. A permissão para a publicação da presente tradução para o português foi gentilmente concedida pelos editores nos seguintes termos: © C. E. B. Cranfield, 1985, *If God be For Us*, T&T Clark, an imprint of Bloomsbury Publishing Plc. Coube à sra. Claire Weatherhead a responsabilidade de intermediar a solicitação junto à Bloomsbury Publishing, ajuda pela qual sou grato. Também expresse agradecimentos aos revisores: ao médico Fares Camurça Furtado e ao prof. Antônio Francimar da Silva Lima, suas observações, correções e sugestões contribuíram para maior exatidão da presente tradução.

3 - A mensagem de Miquéias de Moréshet concerne, essencialmente, à situação moral e religiosa de Judá (TEB, 2020). Importa notar que essa palavra profética não emerge da casa real, dos líderes sociais ou das religiões institucionalizadas com seus profetas (Sicre 2018). Ao contrário, a palavra vem de Deus e segue por meio de um enviado/profeta, muitas vezes estranho aos círculos constituídos, mas que fala pelo espírito e em nome do SENHOR. Que a leitura do sermão de C. E. B. Cranfield, agora em língua portuguesa, possa cumprir uma vez mais os desígnios do Deus que *sempre* se revela.

4 - K. Barth. *Evangelical Theology: an introduction*, translated by G.Foley, London, 1963, p.3.